Grupo 93 da ATP
R. João de Deus nº 2

SEMPRE PRONTO

PORTE PAGO

ANO XLII

N.º 492/JANEIRO 1987

Esc: 40$00

Orgão Oficial da Associação dos Escoteiros de Portugal



SEMPRE PRONTO

EM NOVO ANO UMA NOVA IMAGEM

Da recente Conferência Europeia de Escotismo e Guidismo, saíram novos Comités Europeus. MICHEL BEACH, é o novo presidente do Comité Europeu de Escotismo. É com ele a nossa conversa.

JOÃO TEIXEIRA*

SP. — **Mike, estás satisfeito com o teu novo trabalho, se é que podemos chamar-lhe isso?**

M. — *Acho que sim, temos um óptimo comité, muitos projectos excitantes em mãos e estou muito satisfeito por ter a oportunidade de chefiar esse grupo.*

SP. — **Que horizontes vês na nossa região para melhorar o movimento escotista e a qualidade deste?**

M. — *Bom, é muito interessante o trabalho desenvolvido na elaboração do programa para os adolescentes. Também o desenvolvimento das comunidades tem sido levado em conta. Mas o que mais tem sido levado em conta é o plano para atrair mais jovens. Acho que estas são as três áreas mais importantes.*

SP. — **Através da experiência que tens tido nos últimos anos no Comité Europeu e sendo agora seu presidente, de que modo pensas poder aumentar a força do Comité e a qualidade da sua intervenção?**

M. — *Decerto que uma das prioridades a tomar quando nos encontramos em Maio é ver como trabalhámos, aproveitar todas as nossas energias e estabelecer o que vamos resolver e como o vamos fazer.*
A primeira coisa a fazer e aproveitar o tempo dum modo mais eficaz, pois agora temos muito mais trabalho. A segunda é certamente o relacionamento com as guias, das quais nos precisamos aproximar (o que faremos) e finalmente gostaria que existissem contactos mais profundos entre comité e as Associações individualmente, pois acho que tal será muito bom.

SP. — **Que pensas desta conferência, no que respeita à matéria que tem sido discutida esta semana?**

M. — *Bom, talvez hajam demasiadas discussões para um espaço de tempo tão curto, mas talvez isso seja um bom sinal. Fiquei muito bem impressionado com a preocupação que todos mostraram em encaixar o escotismo num mundo tão complicado e em constante mutação, tendo todas as recomendações apresentadas reflectido: a nossa dimensão espiritual, a nossa imagem, os programas apresentados... Parece-me também que estamos numa conferência muito feliz se bem que por vezes muito longa.*

SP. — **Achas que o programa aqui aprovado para o próximo triénio está além, aquém ou na medida certa das nossas capacidades?**

M. — *Não, acho que está um pouco além, mas é melhor ter demasiado para fazer...*

SP. — **Será uma questão de necessidade dum pouco de idealismo para pôr as coisas a funcionar?**

M. — *Sim, acho que contém bastante idealismo e se calhar os assuntos abordados estão também tocados pelo idealismo. Espero então que seja um programa-desafio e que sejam escolhidas as prioridades certas para depois serem trabalhadas profunda e rapidamente para podermos chegar a algo. Gostaria que pudessemos concretizar 2 ou 3 bons pontos em vez duma meia dúzia de pontos não tão bem conseguidos. Assim o verdadeiro desafio será o de escolher as prioridades, mas é mais fácil fazer tal quando se é forçado, pois doutro modo não conseguiriamos atingir os objectivos propostos, nem mesmo uma quantidade mínima.*

SP — **Desejamos-te então boa sorte no teu trabalho e até um próximo encontro.**

M. — *Obrigado.*



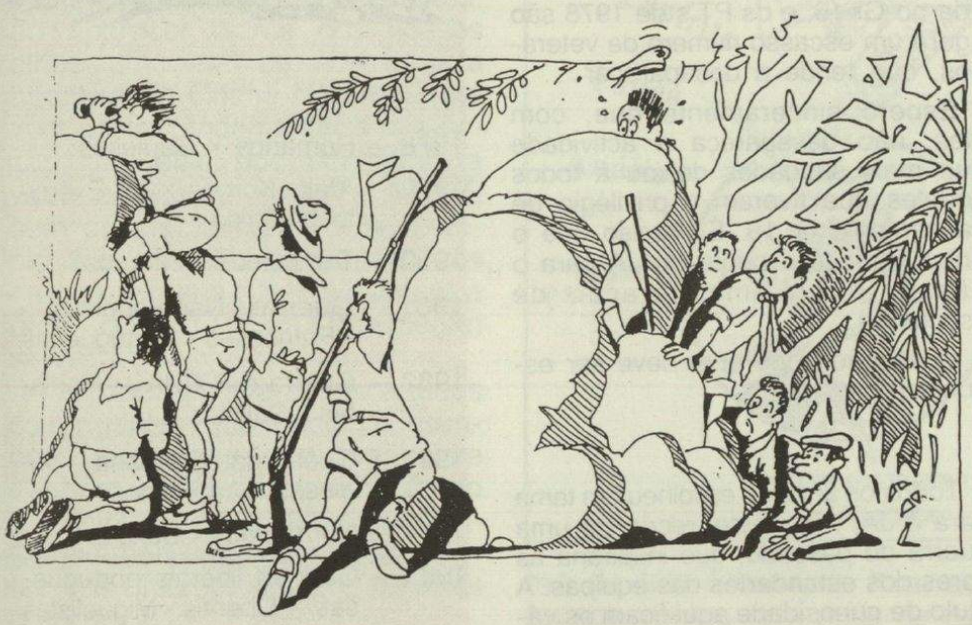
Michael Beach, Presidente do Comité Europeu

« Temos um óptimo Comité, e muitos projectos em mão.»

* DIRECTOR DA REVISTA «FLOR DE LIS»

A aventura na Serra de Sintra

Era a minha segunda actividade com a Tribo desde que há uns três meses tinha deixado a Alcateia. Corria o ano de 1981 e eu tinha 13 anos, feitos há pouco. Esta actividade era ainda um mistério para mim, pois não sabia o que se ia passar... No entanto a animação e entusiasmo dos mais velhos foram o suficiente para perceber que não era uma actividade normal, mas uma que só acontece uma vez por ano e em que todos querem participar... O jogo de aproximação.



Os preparativos para a partida foram feitos em segredo, pois a outra equipa não podia saber de nada respeitante a horas ou locais. Dormimos em casa do Pedro Neves, o chefe da equipa, para apanharmos o primeiro comboio para Cascais, e daí a camioneta para o Pé da Serra. Ninguém deve ter dormido naquela noite, pois estávamos todos excitadíssimos.

Entrámos na área de jogo de manhãzinha e escolhemos base. Nesse local enterrámos as mochilas e cantis, de maneira a que não fosse detectada a nossa presença, e partimos em busca da outra equipa. Pela primeira vez mascarrei a cara com carvão e vesti um camuflado.

Patrulhava a zona do Monge com o «SantAntoninho» quando apareceram a correr o Jorge Frazão e o Tomás — «Estão ali os gajos!» E Eram mesmo eles, e vinham na nossa direcção. Juntámos a equipa, dos dois lados do caminho, cerca de doze elementos e preparámos a emboscada. Quando eles estavam mesmo no meio de nós saltámos dos arbustos e atacámo-los. Eu estava super-nervoso, garganta bem seca. Com a mão direita a segurar a insígnia na platina esquerda do camuflado salto para cima do Pidi, mas é o Jorge Relógio que me agarra e puxa o capuz do camuflado para a cara... Ainda vejo, por entre a confusão do «combate» o Pidi e o Gonçalo Leão a correrem para mim. Rebolamos os quatro para a berma do caminho e um puxão mais forte arranca-me a insígnia... juntamente com a platina. Então largam-me e, ainda tonto, tiro o capuz da cara para ver o que se passa. A alguns metros de mim o «combate» prosseguia, mas eu já estava morto.

Foi assim o meu «baptismo de fogo» no jogo de aproximação.

Todo aquele que entra para o Gr.16 terá a oportunidade de passar pelo mesmo, mas... o que é o jogo de aproximação?

JOGO DE APROXIMAÇÃO

O QUE É?

É um jogo que se desenrola de uma maneira um pouco semelhante a um combate no mato, empregando tácticas de guerrilha, flagelando o adversário para conseguir a vitória.

Com duas ou mais equipas, e a duração de vários dias, numa determinada área, pode-se recriar batalhas ou combates históricos, tornando o Jogo de Aproximação JA mais ou menos complexo, com mais ou menos regras e pormenores.

Explica-se assim o porquê do nome jogo de *aproximação*.

Feito sem problemas desde 1978 no Gr.16, foi por volta de 1983, quando houve uma tentativa de o levar a outros grupos, nomeadamente Gr.107 e Gr.93, onde proibida a sua prática, pois as chefias consideraram-no uma actividade militarista e anti-escotista. Mas, ao contrário do que foi afirmado, esta actividade não peca por falta de espírito escotista, pois é aqui que o escoteiro vai pôr em prática parte dos conhecimentos adquiridos em actividades mais comuns e tomar conhecimento com novas situações. Devido à dureza que esta actividade pode alcançar, o escoteiro será posto à prova em vários aspectos: disciplina, espírito de sacrifício, orientação, cuidados com equipamento individual (além da roupa e calçado), etc. Visto não ser comum o transporte de tendas e muito material colectivo para o JA, as condições meteorológicas influenciarão as acções do escoteiro, que porá em prática todos os seus conhecimentos para se proteger e confrontar. Ele terá de se adaptar o melhor possível ao terreno e, ao mesmo tempo, proteger-se, defender-se e enfrentar um adversário que o quer vencer, usando para isso todos os meios ao seu alcance.

Depois de explicar a temática do jogo passemos agora a como se joga, ou melhor, como se tem jogado o JA no Gr.16, nos vários passos a dar.

Começa-se por delimitar a área de jogo em Sintra e no Guincho, que é sensivelmente a mesma desde 1978. Tendo o JA a duração de quatro dias, desde as 0 horas do primeiro dia às 12 horas do quarto dia, a primeira parte é jogada na serra de Sintra e a segunda na zona do Guincho. A passagem dá-se, obrigatoriamente, entre as 0 horas e as 12 horas do terceiro dia. Não é permitida a saída da área de jogo durante o mesmo, excepto, como já mencionei, durante a passagem para o Guincho.

Quanto à vitória, consegue-se através de pontos, que são obtidos das quatro seguintes maneiras, por ordem decrescente de pontuação: capturando o estandarte adversário, fazendo observações do adversário e da sua base croquis, capturando cantis e, por fim, insígnias de «vidas». As «vidas» são pequenos aneis de pano com as cores da equipa, que os elementos levam na platina esquerda ou numa tira de «velcro» sobre o peito, à esquerda. Este segundo método é melhor, pois evita que se arranquem as platinas, como acontecia antigamente.

Para conseguir tirar a «vida» ao adversário chega-se necessariamente ao confronto físico. Depois de perder uma «vida» o elemento tem de pôr outra imediatamente, pois não é permitido circular na área de jogo sem insignia. No entanto, para a pôr, tem de se dirigir à base e só lá a pode colocar.

No fim do jogo os *leaders* das equipas apresentam o material capturado e, feitas as contas, determina-se o vencedor.

O ambiente vivido durante o JA é sempre digno de menção, e até hoje ninguém que o jogasse declarou não ter gostado, muito pelo contrário.

Na última noite de jogo dá-se a trégua para a confraternização entre as duas equipas, que começa às 21 horas sem hora para acabar.

Sem ter aprofundado as regras na sua totalidade, espero ter dado uma ideia do que é a actividade que melhor pode, sem dúvida alguma, apresentar o Gr.16. No entanto daqueles que começaram o JA só um permanece ainda no Gr.16, e os PT's de 1978 são agora um escasso número de veteranos, que tende a desaparecer ...

Espero sinceramente que, com eles, não desapareça a actividade que mais saudades deixou a todos aqueles que tiveram o privilégio de passar pelo Gr.16. É preciso que o Tribo comece a pegar no JA para o passar à próxima geração de escoteiros.

O JA não pode nem deve ser esquecido.

Todos os anos se escolheu um tema para o JA, tema este, recriando uma guerra do passado, que inspiraria as cores dos estandartes das equipas. A título de curiosidade aqui ficam os vários temas e respectivos anos. Os estandartes estão hasteados permanentemente na sala de clã do Gr.16.



1978 — Romanos × Gauleses
1979 — Afrika Korpes × 8.º Exército britânico
1980 — Templários × Mouros
1981 — Guerras Napoleónicas - - Franceses × Portugueses
1982 — Guerra civil EUA — Nortistas × Sulistas
1983 — Guerra das FalkLand — Ingleses × Argentinos
1984 — Normandos × Saxões
1985 — Guerras liberais portuguesas — Liberais × Miguelistas
1986 — Invasões de Gengis Khan - - Mongóis × Chineses

PORTO

GRUPOS 4 E 38 REALIZAM FESTAS DE NATAL

O grupo 4 esteve em festa de Natal no dia 20 de Dezembro último e foi de imediato seguido pelo grupo 38 que, no dia 21 de Dezembro, começou a sua festa natalícia com a realização dum jogo de cidade para as suas patrulhas, durante a manhã.

Durante a tarde, escoteiros, dirigentes e direcção do grupo confraternizaram durante um lanche em que se entoaram algumas canções de natal e se projectaram diapositivos da paróquia onde se situa o grupo.

NATAL EM FESTA NO GRUPO 18

Sendo o Natal o dia da Família, os escoteiros do grupo 18, com sede em Cucujães, não deixaram por mãos alheias a sua comemoração, isto porque segundo a AEP todos os escoteiros são irmãos e, como tal, formam uma grande família. Assim, no passado dia 20 de Dezembro houve na sede do grupo a já habitual ceia de Natal.

Estiveram presentes todos os escoteiros no activo, assim como toda a Chefia e Direcção do grupo, nesta ceia em que reinou a boa disposição e a fraternidade. Segundo a opinião do EC Grupo Fernando Soares, os lobitos e escoteiros foram os principais responsáveis pela alegria que durou até ao fim.

Do nosso correspondente no grupo 18 — Reinaldino Freitas

4.º FESTIVAL DO JOVEM TEATRO

A Delegação Regional do FAOJ do Porto e a Associação Juvenil Caixa de Pandora contribuem para a concretização do Festival supra citado entre 21 e 24 de Maio de 1987. Os grupos e jovens interessados em participar devem fazê-lo até 28 de Fevereiro de 1987. Contactar: DR do FAOJ — Rua Júlio Dinis, 604-1.º, 4000 PORTO e Caixa de Pandora, Apartado 345 — 4006 PORTO Codex.

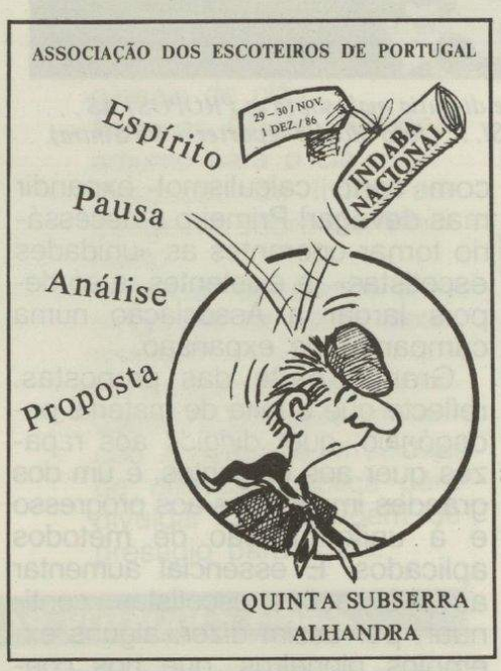
INDABA NACIONAL EXCEDEU AS EXPECTATIVAS

Um espaço de reflexão e proposta! Analisar e dinamizar o trabalho da AEP foi, pois, um dos grandes objectivos desta iniciativa que segundo muitos, há algum tempo que se sentia indispensável.

«Ask the boy» (Pergunta ao rapaz) é um «ideal» difícil de aplicar. A prepotência que reveste certos dirigentes é largamente abalada, ao aparecer diante dos nossos olhos um sinal de nunca vista abertura da Chefia Nacional, que vem assim fundamentar a sua acção naquelas que compõem a vasta equipa de chefia da AEP. É sem dúvida, um excelente exemplo que, se aplicado à escala dos grupos, tornaria o RAPAZ aquele a quem o ESCOTISMO (realmente) serve!

O Indaba esteve aberto a todos os dirigentes, que mediante inscrição, quisessem participar. Este também, excepcionalmente aberto a caminheiros em virtude de muitos exercerem funções de ajudantes nas diversas divisões de seus grupos.

Realizado na aprazível quinta de Sub-Serra, em Alhandra, próximo de Vila Franca de Xira, este Indaba contou com mais de cem participantes, número que contudo se previa mais dilatado.





O Chefe Nacional Adjunto para as Actividades, Paulo Cocco, a explicar como funcionará o INDABA. . . (foto de Paulo Nuno Carvalho – 16 Carcavelos).

A organização das «infra-estruturas» que acolheram esta actividade, ficaram a cargo e sem falhas para contar história, do grupo 81 de Vila Franca de Xira, grupo que, para tal, venceu o concurso proposto pela Associação.

O FUNCIONAMENTO DO INDABA

Foram três dias de intensos trabalhos centrados naqueles que constituiram os quatro pontos fundamentais para apreciação: Económico-Financeiro, Estruturas - Orgânico - Funcionamento, Imagem-Actividades e Pedagogia.

Todos os participantes que quisessem apresentar alguma proposta, teriam de remeter para a Chefia Nacional uma cópia dos projectos que pretendiam ver analisados. E assim foi: Mais de trinta propostas foram endereçadas à Associação e serviram de documentação básica para cada participante.

Estavam, pois, criadas condições para realizar um diálogo e uma discussão consciente e fundamentada, facto que, feita a devida justiça, foi incontestável realidade!

Por cada tema, foram apresentados os vários projectos, a todos os participantes que, divididos em vários grupos de trabalho, os analisaram e apresentaram as suas conclusões, muitas vezes com «contra-propostas» conciliando várias opiniões!

Este sistema de trabalho foi, sem dúvida, motor de grande disciplina e poder de discernimento que rodeou esta actividade. O natural entusiasmo; que certas discussões suscitam, essas, eram tidas nos grupos de trabalho, possibilitando assim que as reuniões de plenário fossem bem mais calminhas! . . .



Durante as refeições, por vezes, era onde se discutia mais sobre as PROPOSTAS . . . Pelo menos sobre as emendas PROPOSTAS! . . . (foto Mocho repórter – 93 Sintra).

Trabalho produtivo, adulto e consciente foi, pois, a fase de estudo de propostas que no final do Indaba foram submetidas a votação a fim de serem ou não apresentadas como recomendação!

ESPÍRITO, PAUSA, ANÁLISE, PROPOSTA

Alguns trabalhos não passaram de aglomerados de palavras e ideias dispersas, com fastidiosas introduções que pouco enriqueceram os projectos outros, porém, chegaram a questões fundamentais. Questões como Formação de Dirigentes, foram amplamente referidas e tidas como aspectos fundamentais para o progresso da AEP. Progresso que por vezes carece tanto de formação de dirigentes, como de dirigentes para formar. Um dos grandes problemas, referidos oportunamente pelos próprios caminheiros, foi o de o caminheirismo em Portugal está a tornar-se cada vez mais num serviço às divisões e não numa terceira etapa na formação dos jovens.

Uma conclusão, porém, foi unânime: é necessário formar dirigentes já existentes e num futuro próximo, promover a formação daqueles que então forem investidos. Para tal há que estabelecer na Chefia Nacional uma equipa para formação, facto que, felizmente, já não está só no papel!

A expansão da AEP é encarada com certo calculismo! expandir mas devagar! Primeiro é necessário tornar operantes as «unidades escotistas» já existentes, e só depois largar a Associação numa campanha de expansão.

Grande parte das propostas, reflecte que a falta de material pedagógico, quer dirigido aos rapazes quer aos dirigentes, é um dos grandes impeditivos aos progresso e à uniformização de métodos aplicados. É essencial aumentar as publicações escotistas, continuar, por assim dizer, alguns exemplos pioneiros, que nos contemplaram nos últimos tempos.

Os problemas com os fornecimentos do SMU, foram também alvo de alguma análise. Tida como questão fundamental para a AEP poder apresentar-se aos olhos do público e de si mesma com uma imagem própria e adequada ao movimento escotista, esta suscitou aos intervenientes uma ocasião de largas severas críticas. A dúvida, contudo, persistia, se o SMU deve ser ou não uma entidade «lucrativa». Esta alínea foi talvez dos pontos mais «acesos» do Indaba e as opiniões ficaram consequentemente bastante divididas.

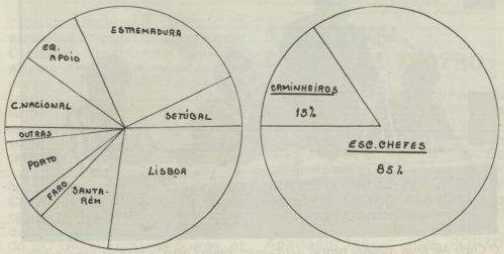
Claro que, o Jornal «Sempre Pronto», também teve o seu espaço, tanto para críticas, como de propostas: Neste já aposta haver estratégia: implementar a «imagem de marca», facto que facilitará a divulgação e promoção, portanto, o movimento.

Certo é, que todas estas questões surgiram com certa naturalidade. Pode dizer-se que, pelo menos em ideia existe neste Indaba uma concepção de ASSOCIAÇÃO moderna, eficiente e capaz de proporcionar escotismo, a sério! Certo é, também, que este «modelo» tornar-se-ia numa (quase) empresa, que em nada desmeritiza o escotismo, mas que naturalmente necessita de fortes estruturas, quer de funcionamento, quer financeiras.

Estas duas questões, pode-se dizer sem dúvidas, que foram as mais importantes colocadas neste Indaba nacional. Quanto às estruturas, muitos defendem que deveria ser descentralizada a acção da Chefia Nacional, tornando mais operantes as chefias regionais, de núcleo e consequentemente as dos grupos. Por outro lado, a existência de profissionais a trabalhar em áreas pedagógicas e administrativas viriam a tornar mais eficiente toda esta estrutura.

Facto incansavelmente referido, nos últimos meses foi, como não podeia deixar de ser, a existência ou não de Direcções nos grupos. Segundo os projectos da sua extinção, por estarem «desligadas» da actividade do grupo (esse papel cabe, indiscutivelmente, à chefia), detém em si um poder administrativo que lhe é desadequado, uma vez que desconhece: quase sempre, as necessidades reais do grupo. Este é pelo menos, um resultado prático, observado em muitos dos grupos da AEP e que tem gerado conflitos gravíssimos nos grupos, segundo a opinião dos autores das propostas.

Dentro da área económica, muito mais que «pedir esmolas», é o espírito que hoje, e ainda bem, vive a AEP. Muitos dos projectos assentam na rentabilização de actividades associativas, a fim de «subsidiar» toda esta estrutura. De realçar um projecto que prevê tornar rentável uma pousada de juventude gerida pela AEP, visto ser aquele que mais entusiasmou a assistência!



A participação no INDABA NACIONAL

OS CAMINHEIROS NO INDABA

Constituindo um quinto dos presentes na Indaba os caminheiros desde cedo se fizeram notar pelo seu dinamismo e jovialidade que animaram alguns dos melhores momentos deste Indaba Nacional.

1 — *SITUAÇÃO ACTUAL DO CAMINHEIRISMO NA AEP*

- 50% dos GRUPOS NÃO TÊM CLÃ
- 50% dos GRUPOS COM CLÃ NÃO TÊM DIRIGENTE
- Apenas dois livros para a formação de caminheiros (Manual do Chefe de Equipe; A Caminho do Triunfo)
- Classificação dos Caminheiros:

2 — *FILOSOFIA DO CAMINHEIRISMO*

- Definição/objectivo de caminheirismo — 3.2 e último estágio do método escotista em que se pretende formar crianças ou jovens em adultos responsáveis e úteis à sociedade
- Definição do caminheiro ideal: Um bom caminheiro tem as seguintes vivências
- Actividade pessoal do caminheiro.
- Actividade de equipe
- Actividade em Clã

3 — *O QUE FAZER PARA MELHORAR O CAMINHEIRISMO DA AEP*

- Formar clãs regionais
- Nomear um caminheiro como adido regional para a imprensa de forma a divulgar as actividades de clã
- Promover actividades regionais de clã
- Nomear Chefe Nacional adjunto para o clã
- Tradução de livros estrangeiros sobre caminheirismo
- Instrução de cursos para dirigentes de clã (e caminheiros)
- Realização de mais actividades de aventura, protecção à natureza, e serviço de utilidade pública para divulgar uma imagem de prestigio para o clã.

AS VOTAÇÕES FINAIS

Depois de analizados os projectos e feitos os respectivos comentários é chegada a altura de escolher aqueles que o plenário aprova como recomendações para a Chefia Nacional. E assim foi, mas rodrada de certa «infantilidade» e aqui sim, os dirigentes participantes, mais preocupados com o estomago do que com o escotismo, para não avançarem muito pela hora do almoço, preferiram aprovar as propostas na generalidade sem depois submeter a uma análise «ponto por ponto». Nisto resultou um «dossier» de recomendações recheado de contradições; não obstante praticamente todos os projectos conferem evidentes antagonismos!

A testemunhá-lo teremos um relatório das conclusões finais do Indaba com «SIM-NÃO-POIS--TALVEZ»!

Lamentável remate para um trabalho de três dias!

UM FACTO CURIOSO



Numa «era» de modernização da AEP, eis que surge neste Indaba, um movimento, o LICHE — Legalização Imediata do Chapéu de Escoteiro, que vem mostrar que a nossa Associação, mesmo pretendendo modernizar-se, continua fiel às tradições e ao uniforme.



"MAIS OLHOS QUE BARRIGA" – Não foi certamente a realidade, na altura das votações!. . . (foto de Paulo Nuno Carvalho – 16 Carcavelos).

AS ACTIVIDADES DO CLÃ

O clã deve fazer actividades de carácter educativo que julgue necessário à formação e do agrado dos seus caminheiros.

Devem estabelecer, naturalmente:

— Um plano de acção anual (ou mesmo de vários anos),
— Um plano financeiro.

Tendo em conta os seus objectivos, o clã, estabelece o seu programa de actividades, distribuindo-se estas por reuniões, saídas e acampamentos.

Pode-se utilizar parte das reuniões à cultura geral (discos, leitura, debates sobre um tema, etc.). As saídas (cinema, teatro, fábricas, museus, etc.) servirão para aumentar quer os conhecimentos gerais como dar uma perspectiva da área do trabalho.

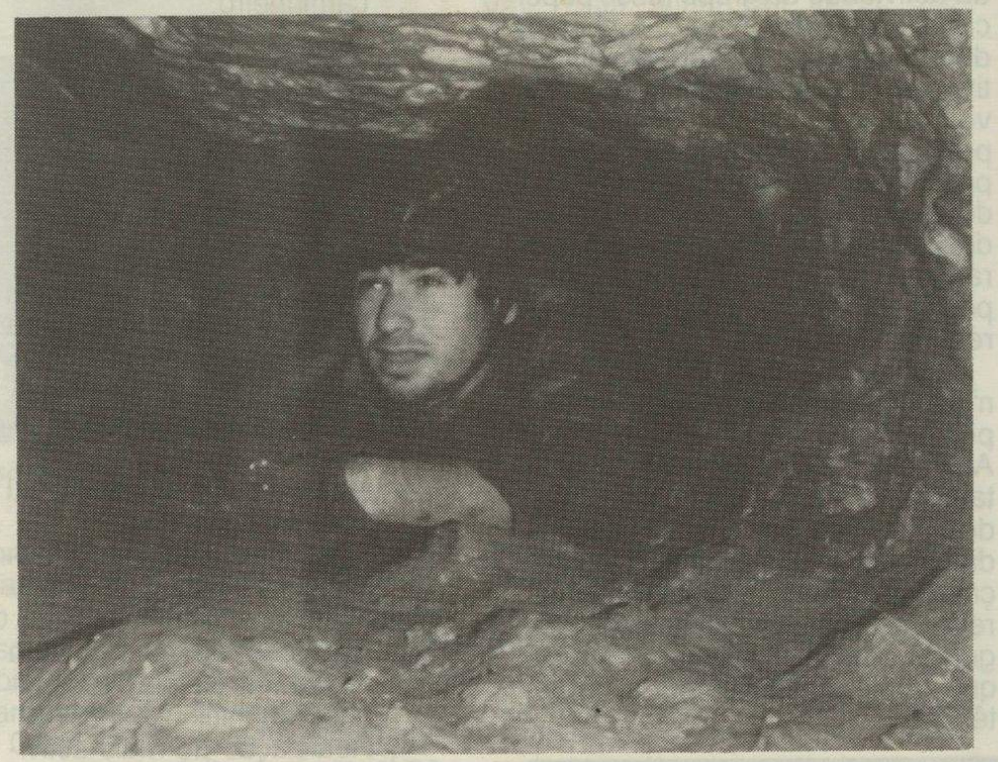
Os acampamentos poderão ser orientados para o campo sócio-cultural (escolher uma aldeia de fracos recursos e propor-se o clã a uma ajuda nos trabalhos de campo, reparações de casas, animação cultural, etc.) enriquecendo os seus membros e contribuindo para a sua formação.

PLANO FINANCEIRO

Um clã deve estudar um plano financeiro, determinando a ordem de urgência e a prioridade das despesas.

Receitas

Não podemos substimar os recursos que são variáveis:



a) Quotização dos jovens.
b) Venda de material.
c) Trabalhos feitos pelos caminheiros.
d) Subsídios (juntas, câmaras, etc.)
e) Produto de festas, tombolas,etc.

Despesas

a) Administrativas (papel, impressos, etc.)
b) Material.
c) Delegações a congressos.
d) Cursos de formação.

GESTÃO FINANCEIRA

O clã determina o plano financeiro e o responsável faz executar e controla a sua aplicação: o tesoureiro movimenta os recursos financeiros e contabilisa.

Para melhor controlo do plano financeiro convém que o tesoureiro tenha um livro de Despesas com colunas onde inscreve por títulos.

Exemplo: **MÊS DE JANEIRO**

DIA	DESPESA	VALOR	CONTAS					
			Adm.	Mat.	Desl.	Cur.	Etc.	Etc.
9	Transporte	35 000$	1 500$	27 500$		6 000$		
13	Compra 3 cantinas	12 000$		12 000$				
	cartas, selos	600$	600$					
	A Transportar	47 600$	2 100$	39 500$		6 000$		

O tesoureiro terá que inscrever duas vezes a mesma verba:
1) no lado do valor, discriminando a operação efectuada.
2) no lado das contas, selecciona a operação efectuada.

FALCÃO JUSTUS

AVENTURA SIM!... ... MAS A SÉRIO!



«ESCOTEIRINHOS DE SEDE»! ARGh!...

Se alguma vez te chamarem tal coisa, meu caro amigo, é altura de te preocupares seriamente.

É possível que toda a tua vivência como escoteiro não seja nada mais do que uma redondíssima, chapadíssima ... tudíssima CHACHADA!

Já alguma vez pensaste nisto? Já alguma vez te chamaram «ESCOTEIRINHO DE SEDE»? TU ÉS UM «ESCOTEIRINHO DE SEDE»??

A sede é importante, bem sei. Mas, sim, para reunir a patrulha e fazer planos, aprender e treinar provas de classe! Para que mais serviria a sede?

Infelizmente há escoteiros que transformam a sede do grupo no seu «mundo Escotista». Repara que é certo a tua patrulha possuir um canto, mantê-lo arrumado e limpo, abreviando, digno de receber a bandeirola e o caderno de patrulha. Mas para que serve ISSO se a patrulha é só ISSO?

Vem daí! ... Vamos partir para a AVENTURA!

As actividades de que guardo as melhores recordações foram, sem dúvida, aquelas que fiz na minha patrulha. Palavra de Escoteiro! Não há nada como fazer aquilo que nós próprios planeamos. Sai mais ao nosso gosto e além disso é fruto do nosso trabalho e iniciativa! É uma situação impecável, acredita! Divertimo-nos, fazemos o que nos dá real «gozo» e que são, ao fim e ao cabo, os nossos FEITOS HERÓICOS!

Um rio, um bosque, ... sei lá! Há um sem número de «pretextos» para fazermos grandes actividades. De bicicleta, a pé, de jangada, tudo aquilo que a imaginação VOS permitir!

É fundamental, contudo, não fazer disparates!... Confio, certamente no vosso bom senso, mas acredita que a experiência é algo que muitas vezes faz falta, senão vejamos: se não prepararmos convenientemente, o grande «feito heróico» pode transformar na mais profunda palhaçada, ainda pior, pôr em causa a própria integridade física e com isso, não se brinca!

Aceitem um conselho: Parece-me que, assim já encontras justificação para as provas de classe. Concordas certamente que os conhecimentos que com elas adquires são então bastante importantes. Olha o exemplo do Socorrismo ...

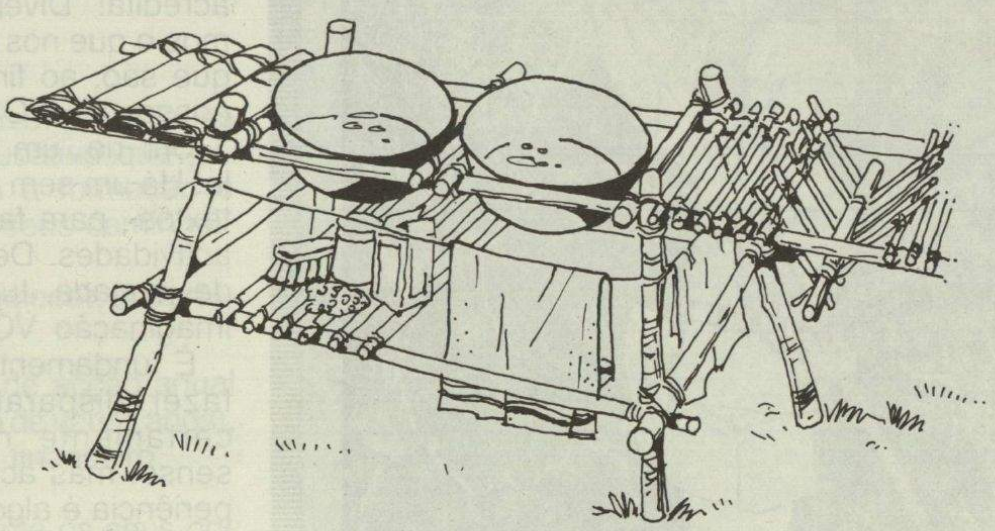
O teu chefe tam mais experiência do que tu. Obviamente que ele muitas vezes parece-te chato pois tu, verdade seja dita, não gostas de receber conselhos, sejamos francos um para o outro. Nota contudo, que ele tem razão no que diz e só te quer ajudar e evitar alguns «contratempos».

Apresenta-lhe os vossos projectos de patrulha, oiçam o seu conselho e a partir daí, meus amigos não há desculpas: AVENTURA, SIM!... MAS A SÉRIO!

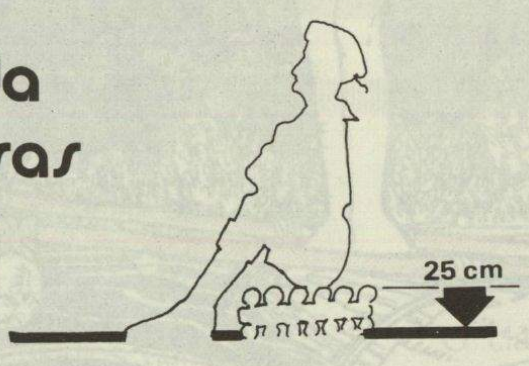
Vosso Amigo,
MOCHO REPÓRTER

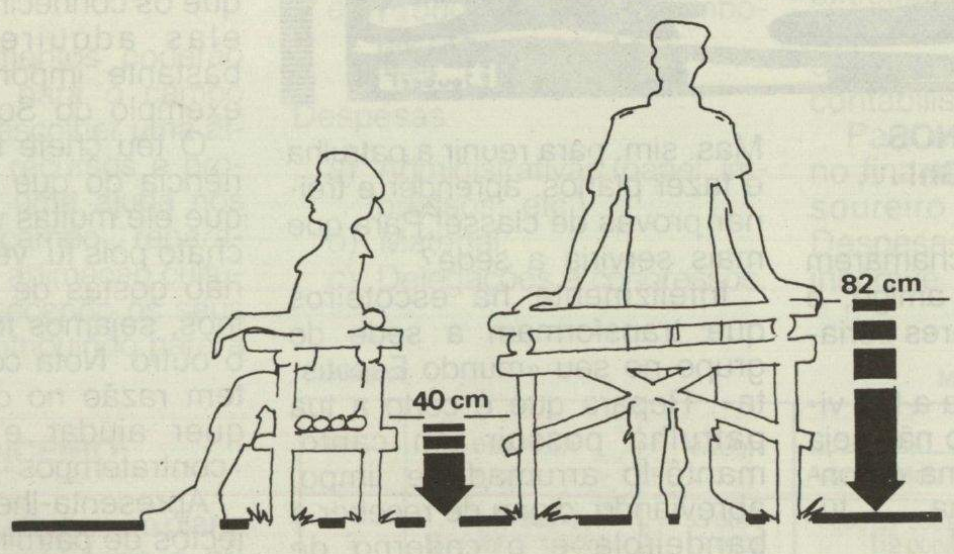
O meu bloco de notas

uma ideia



a medida das coisas





um pensamento

... O MELHOR MEIO PARA ALCANÇAR A FELICIDADE
É CONTRIBUIR PARA A FELICIDADE DOS OUTROS.

BADEN POWELL

SISMO NA GRÉCIA:

Escoteiros em socorro das vítimas



A 13 de Setembro, os escoteiros gregos estiveram presentes desde os primeiros instantes do sismo que atingiu Kalamata e as povoações vizinhas. Ajudaram o município e a comissão de coordenação criada pelo governo, armaram tendas para os desabrigados e organizaram campanhas nacionais para doação de sangue, de leite para crianças em idade escolar, de livros e de material para escrever.

Os escoteiros gregos organizaram-se para prosseguir os seus serviços e ajudar o município e a comissão de coordenação durante dois meses.

O ministro da Educação e o sub-secretário da Juventude elogiaram o trabalho dos escoteiros, bem como a Igreja e as autoridades locais.

O fundo escoteiro «Universal» enviou uma oferta aos escoteiros gregos para os sustentar na sua acção.

O maior lenço de escoteiro

Entre as actividades do acampamento de uma semana organizado pela região de Montréal dos escoteiros do Canadá, atacou-se o record da fabricação do maior lenço do mundo, um lenço de 90 metros de comprimento. Esta façanha foi proposta ao livro «Guiness» dos recordes.

Cooperação Burkina Faso/França

A última obra comum dos Escoteiros do Havre, França e de Goulanda, Burkina Faso, foi a realização de um poço de 17 metros fornecendo água potável, e a construção de uma casa para um professor em Goulanda.

UM TRIO DE BOAS ACÇÕES NOS ESTADOS UNIDOS

Os «Boy Scouts of America» lançaram-se em três grandes acções nacionais centradas no desvio de menores, no abuso de drogas e na necessidade de doações de órgãos e tecidos humanos. O empenho da organização para lutar face a estes problemas é muito importante.

À luta nacional conta o abuso de drogas juntar-se-ão os exploradores com idade escolar de 2200 postos, após terem recebido uma formação especial neste domínio.

Sustentados pela direcção da organização nacional contra a droga, os escoteiros trabalharão principalmente nas escolas primárias e secundárias para alertar outros jovens sobre os perigos da droga.

Programas de formação elaborados segundo fontes policiais, conselhos para desintoxicação de drogados e outros, constituirão o material de base para realizar esta tarefa.

No que diz respeito ao desvio de menores, os «Boy Scouts of América» distribuiram actualmente às 411 regiões escotistas repartidas por todo o país, mais de 200 000 exemplares de um folheto que editaram sobre este assunto. Este folheto de 8 páginas que relata os problemas sem rodeios, exorta os pais e filhos a discuti-los e sugere meios de abordar o problema.

Por outro lado, agindo a pedido do presidente Reagan no princípio do ano, os «Boy Scouts of América» previram mobilizar 1,5 milhão de adolescentes voluntários desde 1 de Outubro para uma acção de três meses que visa preencher o vazio existente entre o número de pessoas doadoras de órgãos e tecido humanos e as pessoas de cuja vida isso depende.

Os escoteiros que visitarão pessoalmente as famílias da sua vizinhança para os incitar a discutir o problema, prevêm atingir 6 milhões de lares.

Distribuirão os folhetos e cartas de doadores e consagrarão benevolamente o seu tempo de lazer às agências-membros do Conselho Americano de transplantações, que coopera com os «Boy Scouts of América» para o sucesso desta operação.

LOBITOS «tosquiam ovelhas» na Escócia

500 lobitos divertiram-se muito na jornada recreativa das alcateias no condado de Ayr, na Escócia. Entre as numerosas actividades de tema internacional, havia um concurso australiano de «tosquia de ovelhas».

Balões cobertos de creme de barbear serviram de ovelhas que os lobitos deviam «tosquiar» com uma faca sem os rebentar.



Desenvolvimento comunitário no Senegal



Durante as férias de Inverno, os escoteiros do Senegal trabalharam em projectos de desenvolvimento comunitário em cada uma das regiões do país. As suas actividades estão principalmente viradas para a saúde (incluindo nutrição e vacinação de crianças), plantação de árvores, construção e reparação de escolas.

A organização escotista deu cursos de formação aos responsáveis a tomar parte nestes projectos, que seguidamente transmitiram os seus conhecimentos aos grupos locais de escoteiros. Muitos destes projectos foram realizados em cooperação com os escoteiros franceses.

A.E.P. LANÇA FORMAÇÃO

Todos temos consciência da importância da existência de quadros devidamente qualificados, no exercício das funções quer pedagógicas quer técnicas na grande aventura que é o movimento escotista.

Com base nesta preocupação a anterior Chefia Nacional (84/85) reiniciou o projecto de formação Insígnia de Madeira, I.M., esquema vigente em quase todos os países que praticam escotismo.

Das várias dezenas de Dirigentes que iniciaram os Preliminares da Insígnia de Madeira (P.I.M.) em 84, só três Esc.-Chefes é que os concluiram.

Aproveitando os acordos feitos através da Federação Escotista, entre as Associações constituintes, estes Dirigentes puderam prosseguir e concluir com aproveitamento, a fase seguinte de formação isto é, a I.M.

Enquanto esta se desenrolava, a actual Chefia Nacional punha em marcha o esquema de formação escotista o que para isso, contava com a colaboração dos novos Dirigentes de duas contas. Assim, durante o ano 1986, o departamento de formação, uma vez constituído, realizou três Cursos de Iniciação Escotista (C.I.E.) em três Regiões distintas, bem como compilou as matérias para os P.I.M. bem como está numa fase de ultimação.

Realizado este trabalho logístico, pensa a futura Chefia Nacional, incrementar a curto prazo os P.I.M. seguindo-se a I.M.

De acordo com o ponto n.º 5/86 do B.O. os novos Dirigentes I.M. na Associação são:

Esc.-Chefe JOÃO AFONSO DE FREITAS LINDO MADEIRA — ALCATEIA;

Esc.-Chefe ANTÓNIO MANUEL CARAMELO RAPOSO — TRIBO;

Esc.-Chefe VICTOR MANUEL PEREIRA DOS SANTOS — TRIBO.

Posteriormente, estes Dirigentes, ao abrigo de um acordo entre a A.E.P. e Associação dos Scouts de España (ASDE), frequentaram o curso de Formador Nacional Adjunto, (3 contas), (F.N.A.) realizado durante os meses de Outubro e Dezembro passado, sob a orientação do Bureau Europeu.

DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO EM MONTALEGRE

Entre 20 e 23 de Dezembro de 1986, o grupo 86 de Chaves esteve acampado em Pitões das Júnias, no concelho de Montalegre.

O objectivo da actividade foi o levantamento dos problemas primários da região para o desenvolvimento posterior dum projecto de desenvolvimento comunitário que se realizará naquela zona durante o ano corrente.

Desta iniciativa constaram a distribuição de lápis de côr e livros para colorir a crianças de idade escolar e pré-escolar e um inquérito às pessoas da aldeia para diagnosticar as necessidades primárias da região.

Aqui fica o nosso «BRAVO» por esta iniciativa e esperamos voltar a ter notícias do projecto de desenvolvimento comunitário.

Do nosso correspondente no grupo 86 — EC Tribo Paulo Afonso

CURSO de FOTOGRAFIA



PNEC
27/28/29 de Março
idade 14 a 17 anos
Inscrições na
Trav. Galeotas, 1
TELEF. 63 93 39
APRENDE a FOTOGRAFAR

SEMPRE PRONTO

Propriedade dos Escoteiros de Portugal

Director: Dr. Nélson Pinto Horta
Chefe de Redacção: Ricardo Coimbra
Colaboradores:
Paulo Marques
Augusto Marreiros
Rogério Castro — **Ilustrações**
Rui Cunha — **Coordenação gráfica**
Administração: João Madeira
Redacção e Administração: Travessa das Galeotas, 1 (à Junqueira) 1300 Lisboa
Telefone: 63 93 39
Composição: GRAFICERTA — Artes Gráficas, Lda. — Lisboa
Impressão: FOTOGRAVURA CORTE REAL — Odivelas
N.º de exemplares: 2000
Depósito legal n.º 15511/87
Assinatura Anual:
Ordinária — Esc.: 480$00
De patrocínio — Esc.: 750$00
Despesas de cobrança — Esc.: 100$00
Espanha e países de África de expressão portuguesa — Esc.: 550$00
Outros países — Esc.: 900$00 (U.S. $5.50)